PRÁTICAS SUBVERSIVAS E INSUBMISSAS EM ARTISTAS CONTEMPORÂNEAS DA CENA MARINGAENSE

Rayssa Rufino Ropelatto Fernandes (PIC/UEM), Vanessa Deister (Orientadora), Roberta Stubs (Coorientadora). E-mail: ra133220@uem.br

Universidade Estadual de Maringá, O Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Maringá, PR.

Área e subárea do conhecimento: Artes / Fundamentos e Crítica das Artes

Palavras-chave: Arte contemporânea; Feminismos; Subjetivação.

RESUMO

A pesquisa investiga práticas artísticas insubmissas de mulheres artistas da cena maringaense, buscando compreender como práticas artísticas feministas contemporâneas podem operar como formas de resistência às normativas de gênero e instaurar modos dissidentes de subjetivação e reinvenção de si. De natureza qualitativa bibliográfica, a investigação utilizou o método cartográfico para acompanhar os caminhos e relações que emergiram ao longo do percurso, articulando a análise dos processos poéticos das artistas selecionadas em diálogo com produções feministas. A análise evidenciou diferentes estratégias de resistência, presentes tanto na escolha de materialidades, quanto nas operações conceituais das obras, destacando relações entre memória, corpo, experiências de gênero, decolonialidade e subjetivação. Nesse percurso, compreendemos a produção artística não como resultado de subjetividades já constituídas, mas sim como uma prática capaz de participar de sua própria produção subjetiva, se aproximando da noção de prática de si. Ao final concluímos que as práticas analisadas não se restringem à recusa das normas, mas tensionam relações de poder, questionam sua naturalização e produzem possibilidades de reinvenção de si e de outros modos de existência.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa configura-se no âmbito das artes visuais, mais especificamente nos estudos contemporâneos, e se apoia na filosofia da diferença e mais incisivamente, no pensamento pós-estruturalista e feminista decolonial. Nesse sentido, a pesquisa foca nos processos de subjetivação em práticas insubmissas de artistas contemporâneas da cena maringaense. Se voltando à análise das estratégias políticas que resistem às normas de gênero presentes em suas práticas poéticas, a pesquisa reflete sobre como nesse processo subjetivações dissidentes

se instauram em curso. Nessa ótica, a pesquisa foi direcionada pela seguinte pergunta: como as práticas artísticas feministas contemporâneas podem operar processos de resistência às normativas de gênero e instaurar modos dissidentes de subjetivação e reinvenção de si?

A pesquisa se apoia principalmente em Rolnik (1997), Foucault (2009) e Rago (2019). A partir desses autores, compreende-se a subjetividade como processo em constante transformação, atravessado por relações de poder e por possibilidades de resistência. Nesse contexto, os conceitos de subjetivação, práticas de si e "contraconduta" orientam a análise das práticas artísticas feministas e de suas possibilidades de tensionamento das normativas de gênero.

MATERIAIS E MÉTODOS

Inicialmente, o projeto contemplava as artistas Elisa Riemer (1986) e Annelise Nani (1987). Entretanto, no decorrer da pesquisa, o contato com a produção de Jaqueline Nascimento (1999), especialmente a partir de sua exposição: *outro peso, outro pisar na terra, outra memória* (2025), mostrou-se mais consistente com o percurso investigativo desenvolvido. Diante disso, Elisa Riemer foi retirada do recorte desta pesquisa. Dessa forma, o método cartográfico foi pertinente por possibilitar o acompanhamento dos processos e das produções de subjetividade sem que o percurso fosse previamente definido de maneira rígida, permitindo que novos caminhos e relações emergissem durante a pesquisa (Souza; Francisco, 2016). A pesquisa se desenvolveu à medida que os conceitos teóricos surgiam das obras. Para isso, foram elaborados diagramas a partir de palavras identificadas nos trabalhos aproximando visualmente as relações entre obras e conceitos, servindo para orientar o fluxo da investigação.

Quanto aos procedimentos metodológicos, a pesquisa buscou mapear artistas contemporâneas maringaenses cujas obras apresentassem elementos subversivos. Optamos pela construção de uma constelação de artistas, em vez de uma lista previamente fechada, permitindo que novas artistas e relações surgissem ao longo das leituras e análises. O percurso também estabeleceu diálogos entre as obras das artistas selecionadas e produções de artistas feministas consolidadas, buscando identificar aproximações estéticas, políticas e conceituais. A seleção considerou práticas que colocassem em questão as normativas de gênero e instaurassem possibilidades dissidentes de subjetivação e reinvenção de si.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesse percurso, Jaqueline Nascimento articula memória, decolonialidade e experiências racializadas por meio de materialidades ordinárias e narrativas autobiográficas, enquanto Annelise Nani se apropria do bordado e de objetos domésticos, articulando afeto, memória e resistência aos estigmas associados ao espaço doméstico e às práticas tradicionalmente atribuídas às mulheres. Embora recorram a procedimentos distintos, ambas tensionam hierarquias coloniais de saberes, em diálogo com perspectivas feministas decoloniais (Lugones, 2020). A

partir dessas relações, outras artistas foram incorporadas à pesquisa, ampliando a rede de referências e possibilidades de análise.

Percebemos também a escrita presente nas práticas das artistas como uma forma de inscrição no mundo e de reconstrução do sujeito, aproximando-se da compreensão de Rago (2013) sobre a escrita de si como ferramenta política. Nas produções analisadas, as práticas de resistência se manifestam tanto na recusa de padrões estéticos consolidados quanto nas escolhas de materialidades e operações conceituais. Essas práticas não se encontram dissociadas dos processos de subjetivação, mas participam de sua elaboração, na medida em que as obras podem materializar forças, inquietações e afetos que atravessam as artistas (Rolnik, 1997).

A partir dessas análises, compreendemos que a produção artística não se resume ao reflexo da subjetividade do artista, ela é, para além disso, participante da própria constituição do sujeito. É a materialização das inquietações e afetações dessa pele sensível do artista, mostrando-se como a pulsação subjetiva de uma relação não anestesiada com o mundo. Refletimos, então, que a produção artística se aproximaria da noção foucaultiana de prática de si, na qual os sujeitos trabalham sobre sua conduta, seus pensamentos, seu corpo e seus modos de existência. Inicialmente, compreendíamos a resistência sobretudo como recusa das normas de gênero. Ao longo da pesquisa, porém, percebemos que resistir implica também tensionar as relações de poder, desconstruir a naturalização das normas e imaginar outras possibilidades de existência. Assim, as práticas artísticas analisadas podem ser compreendidas como processos de resistência vinculados à reinvenção de si.

CONCLUSÕES

Durante a pesquisa, inúmeros caminhos foram se abrindo, possibilidades de análises, enfoques e relações que, por mais tentadoras que fossem, não poderiam ser contempladas nesta investigação, considerando seu limite de doze meses. Acredita-se, então, que este trabalho constitui um recorte daquilo que foi possível produzir nesse intervalo, deixando em aberto outras possibilidades de caminhos a serem percorridos em pesquisas futuras. Mais do que encerrar as questões que atravessaram esta investigação, as análises realizadas também suscitaram novas dúvidas e inquietações. Durante a produção dos capítulos, realizou-se o levantamento de outras artistas que também despertaram interesse, a exemplo de Amanda Fahur (1998), Cris Agostinho (1967) e Elisa Riemer (1986) e que, contudo, não foram contempladas na redação final.

Possíveis desdobramentos futuros são considerados, pensando em diferentes rumos que a investigação poderia tomar caso incorporasse entrevistas com as artistas e também com o público de suas exposições. Como artista-pesquisadora, essas análises também reverberam diretamente na maneira como penso minha própria produção, especialmente nas formas como essas artistas me contaminam e deslocam. Ao refletir sobre as escolhas e estratégias mobilizadas por elas, encontro pistas para pensar meus próprios caminhos de criação e para produzir obras comprometidas com questões políticas e feministas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo financiamento da pesquisa durante os primeiros seis meses de desenvolvimento do projeto e à Universidade Estadual de Maringá (UEM), por meio do Programa de Iniciação Científica (PIC), pela continuidade e apoio à realização desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade III:** o cuidado de si. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault:** uma trajetória filosófica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 231–249.

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista hoje:** perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 51–81.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se:** feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

RAGO, Margareth. “Estar na hora do mundo”: subjetividade e política em Foucault e nos feminismos. **Interface (Botucatu)**, v. 23, e180515, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.1590/Interface.180515. Acesso em: 15 ago. 2026.

ROLNIK, Suely. Uma insólita viagem à subjetividade: fronteiras com a ética e a cultura. In: LINS, Daniel (org.). **Cultura e subjetividade:** saberes nômades. Campinas: Papirus, 1997. p. 25–46.

SOUZA, S. R. L. de; FRANCISCO, A. L. O método da cartografia em pesquisa qualitativa: estabelecendo princípios... desenhando caminhos... In: CONGRESSO IBERO-AMERICANO EM INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA, 5., 2016, Porto. **Anais [...]**. Porto: Universidade Lusófona do Porto, 2016. v. 2, p. 811–820. Disponível em: https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2016/article/view/826. Acesso em: 17 maio 2026.